

MIGUEL TORGA

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

MIGUEL TORGA – A PALAVRA VOTIVA

Isabel Ponce de Leão

Não fazer falcatrua num diário destes é tão difícil como passar diante dum espelho e não olhar a cara. Contudo, julgo um esforço meritório ir registando um dia-a-dia com a sinceridade possível (p. 517)¹

Miguel Torga

A escrita diarista é considerada por muitos um género secundário, pelas características remáticas – descontinuidade discursiva e fragmentarismo –, pelo registo de um dia-a-dia trivial e pelo próprio nível de língua usado; contudo, refutam esta presunção os dezasseis volumes do *Diário* de Miguel Torga que, longe de corresponderem a uma fase de menos inspiração do autor, acompanham toda a sua criação literária, e a ela se referem, ao longo de 60 anos (3-1-1932 a 10-12-1993), tornando-se num precioso apoio para a sua compreensão e para a descoberta do seu eu, a que não será também alheio um certo egotismo, um filão narcísico e um desejo de auto-conhecimento.

A palavra tem, no *Diário* de Torga, uma força votiva que, longe de o emular, lhe reconhece limitações no referente à verdade, mostrando “um *continuum* de preocupações sistemáticas e coerentes [...] assume-se como um macrodiscurso” (Ponce de Leão, 2003: 15 e 88); assim interagem os diferentes géneros que cultivou naquela perspectiva macrotextual de que fala Genette. A estrutura do próprio *Diário*, “constituído por sobrepostos e seleccionados blocos de pedra, encontra-se bem longe de ser comparável a um simples amontoado de pedras soltas” (Mourão-Ferreira, 1978: 8).

O texto em causa é, desde logo, denominado pelo seu autor como *Diário*, remetendo, subsequentemente, para um carácter descontínuo e fragmentário que o próprio admite – “Quem ler este *Diário* e reparar nas datas, há-de certamente perguntar porquê tantos hiatos na sucessão dos dias. E a resposta é simples: não tive nada para dizer.” (p. 1636) –, arrogando, contudo, estes fragmentos uma feição autónoma, ainda que em construção, o que o afasta da literatura ortodoxamente dita autobiográfica sem, contudo, deixar de ser uma escrita de e sobre o *eu*.

¹ Sempre que citar passos do *Diário* de Torga, mencionarei só a página da edição referenciada na bibliografia final.

De facto, a leitura dos quinze primeiros volumes sugere a ideia de continuidade, de um capítulo que se encerra para dar lugar a outro; todavia, no volume número dezasseis, o autor anuncia:

Coimbra, 9 de Dezembro de 1993 – E chega ao fim, com este volume, um livro que comecei a escrever um pouco estouvadamente há sessenta anos, e acabo agora com mais assento. [...] E se despede dos seus semelhantes sem azedume e sem ressentimentos, na paz de ter procurado vê-los e compreendê-los na exacta medida (pp. 1785-1786).

Uma das originalidades e das especificidades desta obra consiste, precisamente, no facto do diarista fechar um ciclo, que o género define como aberto, despedindo-se dos leitores, como acima se refere, e também de si próprio, quando anuncia o *terminus* do seu *Diário*; e fá-lo já em tom de evocação, como se a extinção da obra correspondesse, como a curto prazo corresponderia², à extinção do homem / autor que, não logrando na terra o fim desejado, ensaia, numa aliança com a natureza, a plenitude cósmica:

Coimbra, 10 de Dezembro de 1993

REQUIEM POR MIM

Aproxima-se o fim.
E tenho pena de acabar assim,
Em vez de natureza consumada,
Ruína humana.
Inválido de corpo
E tolhido da alma.
Morto em todos os órgãos e sentidos.
Longo foi o caminho e desmedidos
Os sonhos que nele tive.
Mas ninguém vive
Contra as leis do destino.
E o destino não quis
Que eu me cumprisse como porfieis,
E caísse de pé, num desafio.
Rio feliz a ir de encontro
Ao mar
Desaguar,

² Miguel Torga morre a 17 de Janeiro de 1995. Os diversos volumes do *Diário*, não obedecendo a uma periodicidade rígida, foram publicados a espaços superiores a dois anos, havendo alguns distanciados por cinco.

E, em largo oceano, eternizar
O seu esplendor torrencial de rio

(p. 1786).

Assim confirma o que em 1974 escreveu – “Cega-rega, obra sem remate, só a morte lhe poderá dar fim.” (p. 1268), enganando-se, tão só, nesse remate que não previu em termos de rigor temporal³, mas que, sibilamente, prenunciou e felizmente expressou, numa das mais belas e pungidas páginas que escreveu.

De qualquer modo, a obra avoca o estatuto da confidência, gerada pela necessidade de um interlocutor, mantendo o sujeito uma estreita relação com o intratexto, por virtude de um isolamento, que não tem necessariamente que ser físico, antes resulta de uma virtual incomunicabilidade com o mundo. O *Diário* concentra em si uma necessidade de comunicação, quer do *eu* consigo mesmo, quer com os outros. Nele, Torga verte as suas confidências arrogando-o como o intermediário entre a urgência de comunicação e o secretismo. Trata-se de um interlocutor privilegiado, sucedâneo ou não de um interlocutor real.

Note-se, todavia, que o *Diário* não é, tão só, fruto de um isolamento, mas antes uma capitalização de vivências, um exercício intelectual, um armazém epistolográfico e poético que reivindica, frequentemente, uma função terapêutica; não sendo rejeitada a publicação, o seu conteúdo acaba por ser divulgado, quebrando-se, assim, a intimidade que parecia caracterizá-lo. Mesmo se o autor define claramente os destinatários desejáveis – “Seres limpos de alma que, antes de entrar na intimidade de um texto, se sintam na obrigação moral de o respeitar.” (p. 1358), – a sua relação com eles não se ressent de um presuntivo secretismo. Ainda assim, esse secretismo existe e é, recorrentemente, reivindicado pelo autor.

Miguel Torga, ostensivamente, infringe, com esta obra, as leis do género, justificando e clarificando, a sua opção transgressora:

Porque sempre considerei os géneros literários camisas-de-força complacentes que cada possesso alarga à sua medida, nunca me senti apertado em nenhum deles. Este diário que o diga. De prado bucólico a campo de fogo, tem sido tudo (p. 992).

³ A diferença entre a data aposta ao poema e o falecimento do poeta é de 1 ano e 37 dias.

A referida transgressão torna-se logo evidente nas recorrentes reflexões feitas sobre este tipo de escrita e sobre a problemática da sinceridade atrás referida. É manifesta uma clara preocupação em definir as linhas orientadoras, quando, afiança: “...este *Diário*, [...], não é uma crónica dos meus dias, mas a parábola deles” (p. 1186), rejeitando, destarte, o epíteto de íntimo que, habitualmente, designa este tipo de escrita.

Valerá a pena reflectir no modo como o autor se posiciona perante a escrita diarista, melhor dito, perante a sua escrita, o que a situa na linha da transgressão atrás referenciada:

Hoje é um dos tais dias em que eu precisava de cifra para o *Diário*. O que aconteceu foi tão brutal, tão angustiante, que, escrito em caracteres que alguém pudesse ler, metia nojo (p. 71).

Apenas este monólogo. [...] Um voluminho doméstico, espontâneo, descuidado, [...]. Sendo um livro para o público [...], seria também um livro meu [...]. Precisamente porque seria íntimo – mas de uma intimidade arejada, de férias –, feito sem pretensões, apenas com a manha necessária para interessar também a curiosidade alheia, poderia guardar em si o calor que tem, por exemplo, um casaco modesto e familiar, que se veste no inverno por debaixo do sobretudo (p. 119).

Pela minha parte, não sou delator, nem meu, nem dos outros. [...] Da minha pena de artista quero que saia apenas aquela intimidade que me parece ser suficiente para matar a justa curiosidade do leitor devotado, e me deixe ao abrigo de todas as bisbilhotices doentias (p. 349).

Ser um escritor autêntico, capaz, portanto, dos riscos que implicam a liberdade e a sinceridade, é já em si uma façanha rara. Mas sê-lo diante do espelho implacável de um diário é quase uma impossibilidade humana. Ninguém pode assinar a frio a sua própria sentença de morte (p. 442).

Eu deveria ter a coragem de publicar as notas deste *Diário* que vou eliminando por me parecerem inferiores. Ter a humildade de deixar impressa a estupidez de certas horas (p. 452).

[...] fugimos instintivamente da clarificação sistemática dos subterrâneos da personalidade (p. 692);

Sempre que, para efeitos de publicação, esbarrando e mondo a pilha de manuscritos que o registo quotidiano de qualquer vida transforma numa torre dos Clérigos, prometo solenemente a mim próprio pôr fim a semelhante bisbilhotice interior e deixar de escrever este *Diário* (p. 793).

As correspondências [...] são fintas petrificadas. Os diários e as confissões, pouco mais ou menos o mesmo (p. 849).

O que eu sou toda a gente é capaz de ver; mas ninguém é capaz de imaginar é até onde sou, e como (p. 1287).

Desobriguei sempre e continuo a desobrigar a consciência atormentada numa barrela de sinceridade contida. O que não disse, nem eu o quero saber (p. 1391).

Quem assim escreve – e note-se que as palavras do autor estão espalhadas ao longo dos vários volumes do *Diário* – dizia, quem assim escreve, tem claramente presente os objectivos que pretende alcançar com a escrita, bem como uma evidente demarcação dos limites da sua sinceridade; rejeitando inverdades, assume que a verdade não tem necessariamente que pactuar com a violação da intimidade, que pouco poderia interessar ao leitor, e se tornaria devastadora de uma desejada privacidade.

Por outro lado, Miguel Torga patenteia a necessidade de escrever o seu diário pelo confessionalismo que nele encerra, pela capacidade que lhe é inerente de interlocutor privilegiado, pela verdade que nele verte, e, consequentemente, pelas experiências que capitaliza; mas não deixa de levantar a questão da sinceridade, cujo grau deve ser inviabilizador de desnecessárias inconfiáveis. Toma, assim, uma atitude “qui peut très bien ne pas être evidente dans [son] existence” (Didier, 1991: 104). Por isso, fala de manha, de cinismo, panaceias da falta de coragem para publicar tudo o que escreveu.

O ritual da destruição repete-se sempre antes da publicação de cada volume, porque é necessário preservar a verdadeira intimidade, sem que, com isso, se caia na mentira; conta apenas o necessário e o suficiente para interessar o leitor e, preservando-se, não dá a exacta medida de si nem daquela parte da sua vida mais secreta, estabelecendo uma oposição entre a intimidade e a produção porque “L’intimité, c’est le dedans; la production, c’est le dehors” (*Ibid.*, p. 132); de facto, o eu que vive a vida está dentro e é um outro, assaz diferente, daquele que a escreve e que está cá fora. Mais não faz, afinal, que verbalizar e passar para o papel a autêntica concepção de diário, que, raramente assumida, é por muitos partilhada: “Le journal est insincère, comme toute écriture; il a le privilège sur d’autres types d’écriture de pouvoir être doublement insincère, puisque, encore une fois, le «moi» est en même temps sujet et objet.” (*Ibid.*, p. 117).

Não defraudando, todavia, o leitor com promessas vãs, a sua obra, afastando-se do registo cifrado, estabelece um pacto com a verdade e, não sendo

imprudente, é, no mínimo, fidedigna, caracterizando-se, para usar palavras do diarista, por uma “sinceridade contida” (p. 1391), “com uma certa dosagem terapêutica” (p. 674).

Enquanto autor, actor, espectador e interlocutor, escritor e matéria da escrita, procura a unidade através de uma visível e mesmo reivindicada duplicidade e “va tenter de se constituer en tant qu’unité, en tant que «moi»” (Didier, 1991: 116). Dessa tentativa de unidade diz Torga a dado passo: “Além de escrever este diário, que mais vãs tentativas poderei fazer para me juntar?” (p. 982), tornando-o, destarte, em repositório de vários eus, configuradores de um eu uno que assume a fragmentação.

De facto, uma angústia lateja nas páginas do *Diário*. Se por um lado capitaliza as vivências do eu tornando-se num “mealheiro secreto por exclusiva intenção dum futuro rememorativo clarificador” (p. 1049), por outro, ele é uma tentativa, não isenta de uma alguma vanidade, de auto-conhecimento com vista à unicidade. Surge então o recurso à memória, enquanto porta de entrada nos labirínticos processos gnoseológicos do eu que constrói a sua história, construindo-se.

Exercício intelectual metódico, ponderado, reflexivo, remete o diarista para inferências pouco clarificadoras do eu que procura desvendar: “De tanto escrever sobre mim, acabei por me tornar aos próprios olhos numa abstracção” (p. 1465). É, de facto, esta abstracção que cultiva perante si e os outros, naquele acto de pudicícia que, não transgredindo princípios éticos de que foi especial zelador, também o não restringe à verdade mas tão só à verosimilhança, como confirma em “Legado” (p. 279):

A quem vier um dia, curioso
De conhecer uma novela triste,
Contai-lhe a minha história verdadeira.
Dizei-lhe onde nasci, onde morri,
O que vi,
E como só fui carne passageira.

Podeis também mostrar-lhe estes meus versos
E o caminho do jogo onde passei
A cantá-los, rebelde e apaixonado...
Mas guardai o segredo do meu pó
Onde pobre e desfeito vivo só,
Da própria consciência abandonado.

Enquanto exame de consciência, influenciado por uma civilização cristã e burguesa, o diário surge muitas vezes como acto de contrição, arrependimento, processo catártico de pecados cometidos, adquirindo “la vertu purificatrice de l’absolution” (Didier, 1991: 56).

Em Miguel Torga, se, por um lado, ele configura esse processo catártico, por outro, abre-se, de igual modo, a multímodas outras perspectivas como o próprio autor anuncia – “um diário não é necessariamente um perpétuo *mea culpa* [...]. No meu *Diário* creio que há muita literatura, também.” (p. 349) –, na senda da linha transgressora atrás referenciada.

Assim, dá conta de “Factos e acontecimentos, retalhos de conversas, indignações e malogros, abalos afectivos, lágrimas elegíacas, confortos, pasmos panorâmicos e versos” (p. 1049), através de variadíssimos registos discursivos.

A escolha do registo parece ser condicionada por factores também extrínsecos, sejam estes de ordem política, social, moral ou outros. A narrativa curta (p. 109), recorrente nos primeiros volumes, vai cedendo lugar a textos mais breves, onde são feitas reflexões culturais (p. 186), apreciações de índole literária (p. 448), crítica cívica (p. 1479) e política (p. 1272), esta última condicionada, até 1974, pela censura vigente, apontamentos de viagens (p. 767), discursos proferidos em situações várias (p. 1765), tornados, por vezes, em verdadeiros ensaios (p. 1749)⁴ e, muito particularmente, poesia⁵. Note-se, contudo, que o último volume é o que tem menos poemas – 25 – como se, com a aproximação do fim, o *Diário* assumisse, cada vez mais, o papel de confidente e menos o de receptor da criação poética, apesar da intensidade da poesia aposta⁶.

Béatrice Didier (1991: 135) considera a poesia “tout le contraire d’un journal: par-delà l’individu et par-delà le temps”. Ora, se por um lado se entende a perspectiva desta autora, por outro, e tendo em vista, mais uma vez, a violação das normas diarísticas, presentes na obra de Miguel Torga, bem como o pacto estabelecido com a (in)sinceridade, a sua presença seria indeclinável e mesmo segura. Considerando-se, antes de tudo, poeta, a poesia surge como emergência, “como referente, como tópico, como sí-

⁴ As páginas referenciadas neste parágrafo remetem para um dos inúmeros exemplos que poderiam ser dados.

⁵ São 702 os poemas insertos no *Diário*, e aparecem assim distribuídos: I vol. – 46; II vol. – 43; III vol. – 54; IV vol. – 45; V – 54; VI – 52; VII – 51; VIII – 40; IX – 41; X – 43; XI – 40; XII – 46; XIII – 38; XIV – 49; XV – 35; XVI – 25.

⁶ O próprio Miguel Torga sente que a morte vem com o fim da capacidade de ser poeta.

mile, como metáfora, como símbolo ou, até mais concretamente, como declarada matéria do próprio poema” (Mourão-Ferreira, 1978: 9). Trata-se ainda de um ritual que caracteriza o estilo do escritor que se considera ele próprio “um avaro de palavras” (p. 1527) e que, afastando-se de retóricas balofas, transmite, pela economia lexical e pela depuração, o sentido último da sua mensagem.

Contempla, esta obra, um leque variado de temas⁷ que, suportados por recorrentes e oportunos motivos, enformam aquele já referido *continuum* que é a obra deste autor, e que manifestam as suas principais atitudes e preocupações do ser e do estar na e com a vida. É por uma sistemática e pertinente atenção ao mundo exterior, pelo envolvimento e empenhamento com que com ele se relaciona, pela capacidade de intervenção patente que, ainda mais uma vez, o *Diário* de Miguel Torga infringe as leis do género – o que não constitui demérito, antes pelo contrário –, jamais se circunscrevendo ao interior do eu, mas fazendo este interagir e posicionar-se perante o outro. Reconhece-se, tal como Montaigne, representante da condição humana procurando o auto e o hetero-conhecimento.

Numa perspectiva heideggeriana, problematiza o estar no mundo e não o admite sem o factor coexistência em virtude da sua índole construtiva, compreendendo que o mundo exterior é uma realidade; na linha hegeliana, combina o espírito subjectivo com o objectivo de forma a alcançar o espírito absoluto pela arte; na senda de Ortega y Gasset, Torga demonstra um total domínio do estar na vida e de nela participar, enquanto actor disponível e empenhado em a construir sem descurar, dentro da convivência, a interindividualidade e o social e apelando a uma razão vital a que Ortega havia denominado *El tema de nuestro tiempo* – tudo através de um monólogo conciso, despojado e clássico.

O *Diário* de Miguel Torga concita, assim, não só as peculiaridades que Peter Boerner (1978: 217-224) apôs ao chamado “diário moderno” – a anotação de acontecimentos concretos, a reorientação sistemática dos temas, a insistência na fragmentação formal, a capacidade de selecção de senti-

⁷ Não vou aqui polemizar acerca do conceito de tema, tão debatido nos dias que correm. Esclareço, contudo, que tomo o termo enquanto ideia, desenvolvida sob perspectivas multimodas ao longo do *Diário*, na linha de Tomachevski (cf. “Thématique”, in *Théorie de la Littérature*. Paris: Ed. du Seuil, 1966) que, definindo tema como uma unidade conseguida pela agregação de elementos específicos de uma obra, o liga à problemática da recepção e o entronca em preocupações universais da cultura em que o ontem e o hoje devem, necessariamente, interagir, usando motivos concretos e actuais.

mentos e emoções e a criação do ambiente propício ao dialogismo autor / leitor –, como ainda se perfila no campo das inovações, como atrás referi, pela inserção de poemas ao longo do texto, numa aposta da hibridização do género e, não menos importante, pela contraversão e reformulação sistémica da postura do eu que enforma.

Não traíndo o *continuum* que já considerei ser a obra de Torga, acrescento que os seus temas electivos se mesclam em processos simbióticos que, por vezes, levam a que a ponderação sobre um obvie ilações sobre três ou quatro, estabelecendo assim uma rede una e homogénea que não perde, contudo, a sua característica definidora – conjunto de pequenos orifícios debruados por fios unificadores que, neste caso, nunca deixam fugir nenhuma malha, melhor dito, conjunto de temas independentes cuja interacção reconverte na devoção à palavra e na maceração causada por tal devoção.

Bibliografia

Béatrice Didier, B. (1991). *Le journal intime*. Paris: PUF.

Boerner, P. (1978). “Place du journal dans la littérature moderne”, in *Le Journal intime et ses formes littéraires*. Genève: Librairie Droz.

Mourão-Ferreira, David (1978). “Poética e Poesia no *Diário* de Miguel Torga”, in *Colóquio Letras* n.º 43. Lisboa: FCG.

Ponce de Leão, I. (2005). *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)*. Lisboa: IN-CM.

Ponce de Leão, I. (2003). *O Essencial sobre Miguel Torga*. Lisboa: IN-CM.

Torga, M. (1999). *Diário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.